



QUAL *DEGROWTH*?¹ INCONGRUÊNCIAS ENTRE CONHECIMENTO E PRÁTICAS DE DECRESCIMENTO EM UMA UNIVERSIDADE

Jorge Leandro Delconte Ferreira

UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

jorge.ferreira@ies.unespar.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-2459-1223>

Resumo

Este estudo investiga as percepções, o conhecimento e as práticas relacionadas ao decrescimento (*Degrowth*) entre docentes, estudantes e técnicos de uma universidade pública brasileira, buscando compreender como esse conceito é recebido no ambiente acadêmico. O decrescimento aqui é entendido em seu sentido original: não como defesa de um declínio econômico em si, mas como crítica ao imperativo de crescimento ilimitado e como proposta de transição orientada por suficiência, redistribuição e limites ecológicos. Em termos de ênfase, contextos do Norte Global tendem a focalizar a redução planejada de produção e consumo de alto impacto, enquanto no Sul Global – como no Brasil – privilegia-se a articulação entre justiça social e limites ecológicos. Os dados foram obtidos por meio de um questionário online aplicado a uma amostra por conveniência no campus de Campo Mourão da Universidade Estadual do Paraná. A análise de regressão indicou que o conhecimento autoavaliado foi um forte preditor do conhecimento real sobre decrescimento, especialmente entre mulheres e funcionários acadêmicos. No entanto, esse conhecimento não se traduziu em maior engajamento em práticas cotidianas sustentáveis. Além disso, níveis mais elevados de escolaridade foram negativamente associados à adoção de comportamentos compatíveis com o decrescimento. Os resultados revelam uma lacuna entre saber e agir, apontando para a complexidade da relação entre formação acadêmica e práticas sustentáveis. Conclui-se que as universidades podem atuar como agentes estratégicos na promoção de modelos econômicos alternativos, especialmente ao incorporar os princípios do decrescimento aos currículos e incentivar abordagens interdisciplinares que fortaleçam a conexão entre conhecimento e ação.

Palavras-chave: decrescimento; universidade; autoavaliação; sustentabilidade; educação.

Abstract

This study investigates the perceptions, knowledge, and practices related to *Degrowth* among faculty, students, and staff at a public university in Brazil, seeking to understand how this concept is received within the academic environment. *Degrowth* is understood here in its original sense: not as an advocacy of economic decline per se, but as a critique of the imperative of unlimited growth and as a proposal for a transition guided by sufficiency, redistribution, and ecological limits. In terms of emphasis, contexts in the Global North tend to focus on the planned reduction of high-impact production and consumption, whereas in the Global South – as in Brazil – the priority lies in articulating social justice with ecological boundaries. Data were collected through an online questionnaire applied to a convenience sample at the Campo Mourão campus of the State University of Paraná. Regression analysis indicated that self-assessed knowledge was a strong predictor of

¹ *Degrowth* e decrescimento serão empregados neste texto como sinônimos perfeitos, embora nem sempre o sejam.



actual knowledge about *Degrowth*, especially among women and academic staff. However, this knowledge did not translate into greater engagement in everyday sustainable practices. Moreover, higher levels of education were negatively associated with the adoption of behaviors consistent with *Degrowth*. The results reveal a gap between knowing and acting, pointing to the complexity of the relationship between academic training and sustainable practices. It is concluded that universities can act as strategic agents in promoting alternative economic models, particularly by incorporating *Degrowth* principles into curricula and fostering interdisciplinary approaches that strengthen the connection between knowledge and action.

Keywords: *Degrowth*; university; self-assessment; sustainability; education.

JEL Codes: Q01, Q50, Q51.

1. Introdução

Estudos recentes destacam o crescimento como fenômeno e ideologia (Parrique, 2022), levando ao surgimento do *Degrowth* (decrecimento) como conceito acadêmico e movimento social. Questões-chave envolvem como as economias podem prosperar sem crescimento e as condições necessárias para tal prosperidade (Jackson, 2009; Victor, 2012). Os defensores de economias de estado estacionário, pós-crescimento ou *Degrowth* geralmente propõem medidas voltadas à redução planejada da produção e do consumo, à redistribuição do tempo de trabalho e à promoção de estilos de vida baseados em suficiência e equidade. Essas propostas dialogam com a crítica às dinâmicas capitalistas, como o colonialismo e o extrativismo, e buscam garantir o respeito aos limites ecológicos (Kallis, 2018; D'Alisa & Kallis, 2020). Além disso, Blauwhof (2012) argumenta que uma economia de estado estacionário dentro do capitalismo enfrenta limites estruturais, o que reforça a necessidade de alternativas pós-crescimento.

Apesar de sua importância, o *Degrowth* continua pouco explorado nas pesquisas e mesmo no ambiente universitário de nações em desenvolvimento, mesmo que essas regiões frequentemente excedam a

biocapacidade em relação à pegada ecológica (Vasconcellos *et al.*, 2024). Regiões de alta biocapacidade podem perceber o *Degrowth* de forma diferente devido às suas implicações para o bem-estar econômico e social; surgem preocupações de que as propostas de *Degrowth* podem inadvertidamente restringir os benefícios do estado de bem-estar social cruciais em nações desenvolvidas no curto a médio prazo, além de impossibilitar que países em desenvolvimento possam usufruir de tal estado de prosperidade econômica e social (Martinez & Pessoa, 2023).

O cenário socioeconômico brasileiro combina elevada desigualdade social, forte dependência da exportação de commodities e pressão crescente sobre os ecossistemas devido à expansão agropecuária e à exploração de recursos naturais. Esses fatores tornam o país um caso particular para a análise do decrecimento (*Degrowth*), pois a busca por desenvolvimento econômico costuma entrar em choque com a necessidade de respeitar os limites ecológicos impostos por imperativos ambientais globais (Martinez & Pessoa, 2023). As universidades, como espaços críticos para a produção e disseminação de conhecimento, são essenciais para moldar a formação de futuros líderes e profissionais, bem como a maneira como estes compreendem e se envolvem com conceitos como o *Degrowth*. No entanto, a



extensão e a profundidade em que os ambientes acadêmicos brasileiros incorporam e promovem esses princípios é amplamente desconhecida. Essa falta de compreensão cria uma lacuna de pesquisa que este estudo visa abordar.

Esta pesquisa teve como objetivo examinar as percepções, o conhecimento e as práticas relacionadas ao *Degrowth* entre docentes, agentes universitários e alunos de uma universidade pública no Brasil. Ela buscou avaliar a maneira com que fatores como gênero, idade, papel acadêmico e área de estudo/atuação influenciam as atitudes dos indivíduos em relação ao *Degrowth* e seu engajamento em práticas alinhadas com tais princípios. Além disso, o estudo explora o papel potencial das universidades na promoção de maior conscientização e integração dos conceitos de *Degrowth* nos currículos acadêmicos. Ao focar em uma amostra estatisticamente representativa do campus de Campo Mourão da Universidade Estadual do Paraná, este estudo contribui para o discurso mais amplo sobre sustentabilidade e *Degrowth*, oferecendo insights sobre como instituições acadêmicas em países em desenvolvimento podem servir como catalisadores para uma transição em direção a modelos econômicos mais sustentáveis e equitativos (ou precisam se ajustar se desejarem ter esse papel).

2. Revisão de literatura

O conceito econômico de *Degrowth* tem ganhado cada vez mais atenção na esfera acadêmica, sobretudo em países desenvolvidos (o norte global industrializado), particularmente porque crises ambientais e econômicas levantam dúvidas sobre a sustentabilidade de modelos de crescimento contínuo. *Degrowth* como conceito, na forma proposta por Kallis *et al.* (2020), defende uma

redução deliberada e equitativa na produção e no consumo, visando melhorar o bem-estar humano e ambiental. Essa ideia desafia diretamente o paradigma centrado no crescimento das economias modernas, que priorizam a expansão contínua do produto interno bruto (PIB) em detrimento de considerações ecológicas e sociais.

2.1. Fundamentação Teórica do *Degrowth*

As origens do *Degrowth* remontam aos anos 1970, quando autores como André Gorz já questionavam a centralidade do crescimento econômico como medida de sucesso social (Gorz, 1972). No mesmo período, o relatório *The Limits to Growth* do Clube de Roma (Meadows *et al.*, 1972) e as contribuições de Georgescu-Roegen (1971) reforçaram a crítica aos limites biofísicos do crescimento contínuo, estabelecendo as bases teóricas do movimento (*Degrowth.info*, 2023). Posteriormente, o conceito foi retomado e sistematizado por Latouche (2009), tornando-se referência central na consolidação do debate contemporâneo sobre o decrescimento.

Nesse marco histórico, Jackson (2009) enfatiza que o modelo atual de economias orientadas ao crescimento é insustentável, pois esgota os recursos naturais e agrava a degradação ambiental. Na mesma linha, Roca (2007) argumenta que o paradigma do crescimento ignora os limites biofísicos do planeta e acentua desigualdades socioeconômicas, defendendo uma reorganização econômica orientada pela justiça ambiental e pela equidade. Victor (2012) reforça essa visão, argumentando que mudanças climáticas e limitações de recursos tornam o crescimento perpétuo inviável. O debate, portanto, ultrapassa o conceito de desenvolvimento sustentável – que Latouche (2009) define como um “cavalo de Troia do



crescimento” – ao questionar tanto a possibilidade de desacoplamento entre PIB e impactos ambientais quanto a ausência de uma justiça global efetiva nos marcos tradicionais da sustentabilidade. Nesse sentido, configura-se como uma agenda pós-crescentista e pós-desenvolvimentista (D’Alisa *et al.*, 2014).

Além da leitura socioeconômica, é importante destacar que no Sul Global o debate sobre o decrescimento dialoga também com tradições latino-americanas como o *buen vivir* (*sumak kawsay*). Esse conceito, difundido por autores como Acosta (2016) e Gudynas (2011), propõe formas de vida orientadas pela harmonia com a natureza, pelo comunitarismo e pela suficiência, em contraste com a lógica do crescimento econômico ilimitado. Essa perspectiva amplia o entendimento do *Degrowth* ao integrar saberes e epistemologias próprias da América Latina, enriquecendo a análise no contexto brasileiro.

Além da justificativa ecológica para o *Degrowth*, Blauwhof (2012) argumenta que o impulso de acumulação inerente do sistema capitalista é incompatível com uma economia de estado estacionário. Esse imperativo de acumulação cria pressões sistêmicas para o crescimento contínuo, que o *Degrowth* busca neutralizar promovendo sistemas que priorizam a redistribuição e a sustentabilidade ambiental em detrimento da maximização do lucro. Além disso, D’Alisa e Kallis (2020) exploram o papel dos governos em facilitar a transição para uma economia de *Degrowth*, destacando a necessidade de políticas públicas que incentivem a redução de horas de trabalho, limites de renda e impostos ambientais.

O *Degrowth* apresenta não apenas um apelo ecológico, mas também de justiça social. Kallis *et al.* (2020) argumenta que o *Degrowth* promove uma distribuição equitativa de

recursos ao reduzir o consumo excessivo de populações afluentes, ao mesmo tempo em que protege as necessidades de grupos vulneráveis e assume a responsabilidade por uma dívida ecológica histórica com o planeta. Isso é particularmente relevante em nações em desenvolvimento, onde as desigualdades socioeconômicas são exacerbadas por políticas econômicas voltadas para o crescimento (quase) a qualquer custo.

A seção seguinte apresenta o estado da arte sobre a compreensão e a prática de comportamentos alinhados ao decrescimento em países em desenvolvimento, com foco no nível individual e no contexto universitário, estabelecendo a base para a análise subsequente.

2.2. Conhecimento de *Degrowth* e Comportamento Individual

A literatura identifica diferentes fatores que influenciam a aceitação do *Degrowth*, tanto no nível do conhecimento quanto no comportamento individual. A Tabela 1 sintetiza os principais determinantes discutidos em estudos recentes, servindo como base para compreender a relação entre conhecimento e práticas cotidianas.

O Quadro 1 elenca os principais fatores intervenientes acerca da aceitação do conceito e práticas de *Degrowth* em diferentes contextos acadêmicos e sociais. O quadro destaca o papel do gênero, área acadêmica e nível de conhecimento como determinantes significativos da aceitação do *Degrowth*. A seleção dos fatores apresentados no Quadro 1 baseia-se na literatura que identifica variáveis recorrentes na formação de atitudes e práticas pró-ambientais. Optou-se por destacar dimensões individuais (gênero, escolaridade), contextuais (campo de estudos, condição socioeconômica, contexto



de desenvolvimento) e ideológicas (orientação política), pois essas aparecem de forma consistente como determinantes da aceitação do *Degrowth* em diferentes pesquisas (Drews & Antal, 2016; Hickel, 2020; Heeren *et al.*, 2016; Rocha, 2022). Outros

fatores possíveis, como religião ou perfil cultural, embora relevantes, não foram incluídos por apresentarem menor recorrência na literatura recente ou por estarem menos diretamente relacionados ao escopo deste estudo.

Quadro 1. Fatores que influenciam a aceitação do conceito de *Degrowth*

Fatores	Impacto na aceitação do <i>Degrowth</i>	Estudos relacionados
Gênero	As mulheres demonstram maior preocupação ambiental (mais pró- <i>Degrowth</i>).	Bush & Clayton (2023); Bannò, Filippi & Trento (2023)
Campo de Estudos Acadêmico	Maior aceitação em Ciências Sociais e Ambientais do que em negócios ou economia.	Drews & Antal (2016), Kallis <i>et al.</i> (2020), Kollmuss & Agyeman (2002).
Contexto socioeconômico	Indivíduos mais ricos podem resistir; grupos de renda mais baixa veem isso como uma promoção da equidade.	Hickel (2020); Blauwhof (2012)
Contexto de Desenvolvimento	Países focados no crescimento econômico (Sul Global) muitas vezes resistem.	Martinez & Pessoa (2023); Vasconcellos <i>et al.</i> (2024)
Ideologia Política	Ideologias de esquerda tendem a apoiar (alinhadas com justiça social e equidade).	Drews & Antal (2016); Hickel (2020)
Nível de escolaridade	O ensino superior aumenta a aceitação do <i>Degrowth</i> .	Heeren <i>et al.</i> (2016); Rocha (2022), Parrique (2019, 2022).

Fonte: compilado pelo autor.

Vários fatores sociodemográficos e ideológicos podem moldar a aceitação dos conceitos de *Degrowth*. Foi demonstrado que o gênero desempenha um papel fundamental na formação de atitudes ambientais. Bush e Clayton (2023) observam que as mulheres geralmente expressam níveis mais altos de preocupação ambiental, o que se traduz em maior apoio aos princípios do decrescimento. Isso é consistente com Bannò *et al.* (2023), que descobriram que as mulheres em posições de liderança tendem a priorizar metas de sustentabilidade, o que se alinha com a agenda mais ampla do *Degrowth*.

Da mesma forma, o campo acadêmico de estudo ou trabalho influencia significativamente a receptividade dos indivíduos às ideias de decrescimento. Estudantes e acadêmicos em ciências sociais aplicadas e estudos ambientais frequentemente demonstram maior abertura aos conceitos de *Degrowth* em comparação

àqueles em campos mais tradicionais de negócios ou economia, onde ideologias orientadas ao crescimento dominam (Kollmuss & Agyeman, 2002; Drews & Antal, 2016).

O contexto socioeconômico também desempenha um papel importante. Hickel (2020) e Blauwhof (2012) explicam que indivíduos de origens mais ricas podem ser mais resistentes ao decrescimento porque ele ameaça seus estilos de vida voltados para o consumo. Por outro lado, grupos de renda mais baixa podem ver o decrescimento como um meio de alcançar maior equidade e redistribuição de recursos, embora a implementação prática permaneça controversa.

O contexto cultural de um país influencia fortemente a aceitação do *Degrowth*. Em nações em desenvolvimento, onde o crescimento econômico é visto como essencial para melhorar os padrões de vida, o



decrescimento é frequentemente recebido com resistência (Martinez & Pessoa, 2023; Vasconcellos *et al.*, 2024). Isso destaca a necessidade de abordagens de decrescimento adaptadas regionalmente que considerem as necessidades socioeconômicas específicas desses países.

A ideologia política também influencia significativamente a aceitação do *Degrowth*. Estudos indicam que indivíduos com posicionamentos à esquerda tendem a apoiá-lo, por alinhá-lo a valores de equidade social e justiça ambiental (Drews & Antal, 2016; Hickel, 2020). Em contrapartida, pesquisas apontam que perspectivas mais conservadoras ou orientadas para o mercado frequentemente percebem o decrescimento como um potencial ameaça econômica (Büchs & Koch, 2019; Hickel, 2020).

Por fim, o nível educacional desempenha um papel crucial. Heeren *et al.* (2016) demonstram que o ensino superior (especialmente em campos de sustentabilidade) está positivamente correlacionado com a aceitação dos princípios do decrescimento. Rocha (2022) sugere que ambientes educacionais que enfatizam a sustentabilidade promovem uma compreensão e engajamento mais profundos com práticas de decrescimento, destacando o papel das universidades na promoção dessas ideias.

A relação entre o conhecimento dos conceitos de decrescimento e sustentabilidade e sua aplicação nas práticas diárias tem sido objeto de ampla atenção acadêmica. Kollmuss e Agyeman (2002) conceituam esse fenômeno como *value-action gap*, também discutida no marketing como *attitude-behavior gap*, em referência às barreiras que dificultam a coerência entre valores declarados e práticas. Evidências empíricas recentes confirmam a persistência dessa lacuna (Vieira *et al.*, 2023).

Além disso, estudos complementares destacam a complexa interação entre fatores psicológicos, sociais e contextuais que influenciam esse descompasso (Heeren *et al.*, 2016; Jacobsen *et al.*, 2020; Rosen, 2020; Rocha, 2022; Ruiz-Alejos & Prats, 2022; Otero *et al.*, 2024).

Heeren *et al.* (2016) examinaram o impacto do conhecimento sobre sustentabilidade em comportamentos pró-ambientais, concluindo que, embora o conhecimento se correlacione com o comportamento, sua influência é fraca em comparação com fatores psicológicos e sociais, como atitudes, normas e controle comportamental percebido. Assim, aumentar o conhecimento por si só não leva a mudanças significativas no comportamento. De forma semelhante, Rocha (2022) investigou empreendedores praticantes de permacultura e constatou que, apesar de possuírem amplo conhecimento, apenas um *habitus ecológico transformador* - moldado pela prática contínua - levou a comportamentos pró-ambientais sustentados. Esses achados dialogam com a economia comportamental, que mostra como a formação de hábitos e a introdução de pequenas mudanças no ambiente de decisão (*nudges*) podem favorecer escolhas e comportamentos duradouros (Thaler & Sunstein, 2008).

O papel da governança local na facilitação desses comportamentos foi explorado por Ruiz-Alejos e Prats (2022), que examinaram como os conceitos de *Degrowth* poderiam ser implementados em políticas de planejamento urbano. Sua pesquisa sugere que a governança local é fundamental para facilitar práticas sustentáveis, pois as estruturas de planejamento urbano alinhadas ao decrescimento podem institucionalizar o conhecimento e promover mudanças sistêmicas. Isso se alinha com o argumento feito por Jacobsen *et al.* (2020), que



exploraram práticas de sustentabilidade em empresas e descobriram que mudanças sistêmicas e estruturais são necessárias para concretizar o potencial do conhecimento de sustentabilidade.

Kollmuss e Agyeman (2002) enfatizaram similarmente que o conhecimento sozinho não pode superar hábitos profundamente arraigados ou comportamentos orientados por conveniência. Nesse sentido, Koch (2020) aplicou uma perspectiva bourdieusiana para identificar as condições estruturais necessárias para uma transição de decrescimento. Koch (2020) argumentou que mudanças de valores sociais e mudanças institucionais são pré-requisitos para alinhar ações individuais com conceitos de sustentabilidade, apoiando ainda mais a noção de que mudanças sistêmicas são necessárias para traduzir conhecimento em ação.

A aplicação prática dessas ideias foi desenvolvida por Brem e Puente-Díaz (2020), que introduziram o Modelo Quatro-S de Sustentabilidade. Este modelo oferece uma estrutura para integrar a sustentabilidade às práticas diárias. Destacando que indivíduos e organizações devem abordar a sustentabilidade por meio de uma abordagem equilibrada que abranja dimensões sociais, ambientais, econômicas e culturais, eles concluíram que promover uma compreensão holística da sustentabilidade, combinada com estruturas acionáveis, é fundamental para encorajar a mudança de comportamento.

Otero *et al.* (2024) focaram no decrescimento, defendendo a redução do consumo e da produção para promover a biodiversidade e reduzir os danos ecológicos. No entanto, eles destacaram que tais cenários exigem mudanças comportamentais generalizadas, difíceis de alcançar sem uma profunda transformação social. Eliasson (2021)

também enfatizou esse desafio, observando que, embora a teoria do decrescimento forneça uma forte base conceitual para a prática sustentável, a implementação bem-sucedida requer tanto ação individual quanto apoio institucional.

Além disso, Sekulova, Anguelovski e Argüelles (2023) apontaram que repensar o sucesso das organizações é crucial para promover mudanças comportamentais de longo prazo no contexto do decrescimento. Eles argumentaram que redefinir as métricas de sucesso e alinhá-las com os princípios do *Degrowth* poderia levar a comportamentos organizacionais mais sustentáveis, destacando ainda mais a necessidade de mudança sistêmica e cultural (Sekulova *et al.*, 2023).

Concluindo, a literatura sugere que, embora o conhecimento dos conceitos de sustentabilidade e *Degrowth* seja crucial, ele deve ser acoplado a outros fatores – como normas sociais, engajamento emocional, autoeficácia, políticas de apoio, bem como comportamento, gostos e preferências individuais – para que os indivíduos traduzam esse conhecimento em práticas diárias (Heeren *et al.*, 2016; Rocha, 2022; Sekulova *et al.*, 2023). A lacuna entre conscientização e ação só pode ser superada abordando essas barreiras psicológicas e contextuais, tornando a sustentabilidade uma escolha mais acessível e apoiada para indivíduos e organizações (Kollmuss & Agyeman, 2002; Brem & Puente-Díaz, 2020; Renkert, 2020).

2.3. O Papel das Universidades na Promoção do *Degrowth*

As universidades ocupam uma posição distinta na sociedade, servindo como incubadoras para modelos econômicos sustentáveis ao integrar princípios de



Degrowth em suas agendas educacionais e de pesquisa. Sua capacidade de moldar futuras gerações de acadêmicos e profissionais as posiciona como participantes-chave na promoção das mudanças sociais necessárias em direção a economias mais sustentáveis e equitativas. As universidades desempenham um papel crítico no avanço de ideologias pós-crescimento ao incorporar o decrescimento em seus currículos, ajudando a cultivar uma nova geração de pensadores equipados para navegar e enfrentar os desafios complexos da crise de sustentabilidade do século XXI, como Parrique (2019) observou. Ao promover uma compreensão holística da sustentabilidade ambiental, social e econômica, as universidades podem contribuir significativamente para a transição em direção ao decrescimento.

A integração do *Degrowth* em programas universitários é crucial porque a educação molda profundamente as percepções e comportamentos em relação à sustentabilidade. Heeren *et al.* (2016) mostraram que, embora o conhecimento sobre sustentabilidade se correlacione com o comportamento pró-ambiental, ele também é insuficiente para impulsionar mudanças substanciais sem abordar as barreiras sociais, psicológicas e estruturais subjacentes. Este ponto é ecoado por Kollmuss e Agyeman (2002), que enfatizam a “lacuna valor-ação”, onde o conhecimento e a conscientização muitas vezes não conseguem se traduzir em ação prática. As universidades devem preencher essa lacuna. Cabe a elas o papel de criar ambientes de apoio para que os alunos se envolvam ativamente em práticas sustentáveis por meio de aprendizagem experiencial, projetos comunitários e pesquisa interdisciplinar.

A dimensão de gênero na promoção da sustentabilidade, conforme explorada por

Bannò, Filippi e Trento (2023), acrescenta outra camada à conversa sobre decrescimento. Sua pesquisa indica que mulheres líderes tendem a conduzir agendas de sustentabilidade de forma mais eficaz, o que se alinha com os objetivos mais amplos do decrescimento na redução de impactos ambientais e no avanço da equidade social. Isso é ainda mais apoiado pelas descobertas de Bush e Clayton (2023), que argumentam que as atitudes em relação às mudanças climáticas e às questões ambientais geralmente diferem entre as linhas de gênero, com as mulheres geralmente exibindo níveis mais altos de preocupação com a degradação ambiental. Incorporar perspectivas de gênero em programas universitários focados em sustentabilidade e decrescimento poderia, portanto, aumentar a aceitação e a implementação desses princípios.

Além disso, as universidades servem como uma plataforma para o engajamento de múltiplas partes interessadas na sustentabilidade, permitindo a colaboração entre a academia, comunidades locais, empresas e formuladores de políticas. Rosen (2020) enfatiza a importância dessa abordagem sistêmica, na qual a academia deve promover a colaboração entre disciplinas e setores para abordar os desafios multifacetados da sustentabilidade. Ao adotar uma estrutura interdisciplinar, as universidades têm o dever de garantir que os princípios do decrescimento sejam incorporados na ciência e economia ambiental, contabilidade, educação empresarial e outras áreas.

Concluindo, as universidades têm papel essencial na promoção das transformações sociais e econômicas necessárias para o decrescimento. Ao integrar esses conceitos em suas estruturas educacionais e promover pesquisas interdisciplinares, cabe às universidades capacitarem futuros líderes



para superar as barreiras ao comportamento sustentável, contribuindo assim para um futuro mais equitativo e ambientalmente justo. No entanto, conforme discutido na seção anterior, embora o conhecimento formal seja um fator significativo, ele não garante o engajamento, pois as barreiras sociais e econômicas ainda podem dificultar a implementação de práticas de decrescimento.

2.4. Desafios ao *Degrowth* nas Nações em Desenvolvimento

Apesar de sua crescente relevância, o decrescimento continua pouco explorado em contextos acadêmicos, particularmente em nações em desenvolvimento como o Brasil, onde a pressão por crescimento econômico é impulsionada por necessidades significativas de bem-estar social. A tensão inerente entre desenvolvimento econômico e sustentabilidade ecológica cria desafios substanciais na promoção do decrescimento nessas regiões. Esse dilema é particularmente relevante em países em desenvolvimento, onde a urgência de reduzir a pobreza e expandir a infraestrutura convive em permanente tensão com os limites ecológicos (Hickel, 2020; Drews & Antal, 2016; Martinez & Pessoa, 2023). Trata-se de uma das principais prioridades e contradições enfrentadas por essas nações.

Martinez e Pessoa (2023) também destacam as limitações enfrentadas por nações periféricas na implementação do decrescimento, particularmente devido a políticas macroeconômicas que priorizam o crescimento para manter os benefícios do estado de bem-estar social. Nesses contextos, as políticas de *Degrowth* podem ser vistas como contraditórias à melhoria dos padrões de vida de populações vulneráveis, levantando questões sobre a viabilidade de

adotar tais políticas sem exacerbar as desigualdades socioeconômicas.

As realidades socioeconômicas das nações em desenvolvimento tornam a adoção de políticas de *Degrowth* ainda mais complexa. Blauwhof (2012) discute o imperativo capitalista de acumulação, que permanece especialmente pronunciado em nações que ainda constroem infraestrutura crítica e lutam pela estabilidade econômica. Esse impulso para o crescimento, profundamente enraizado nas estruturas sociopolíticas econômicas desses países, representa uma barreira significativa para iniciativas de decrescimento. Blauwhof alerta que implementar o decrescimento pode enfrentar forte oposição, particularmente devido a temores de que isso possa desacelerar os esforços de redução da pobreza e reduzir os padrões de vida, reforçando as disparidades econômicas em vez de mitigá-las.

Drews e Antal (2016) acrescentam outra camada a essa complexidade ao examinar as atitudes públicas em relação ao decrescimento. Seu estudo descobre que, embora o conceito de *Degrowth* possa ser recebido com interesse crescente no Norte Global, ele é frequentemente recebido com ceticismo no Sul Global, que considera essencial priorizar o crescimento econômico para melhorar os indicadores de desenvolvimento humano. Isso destaca a necessidade de uma abordagem regionalmente sensível ao decrescimento, reconhecendo que o contexto socioeconômico de cada nação desempenha um papel fundamental na formação da viabilidade e aceitação de políticas de decrescimento.

Da mesma forma, Hickel (2020) argumenta que, embora o decrescimento ofereça um caminho viável para redução da pegada ecológica para nações de alta renda, sua



proposta é mais controversa para países em desenvolvimento, onde crescimento econômico e progresso social estão intimamente ligados. Nesse sentido, qualquer estrutura de decrescimento adotada no Sul Global deve ser acompanhada por medidas para garantir a redistribuição equitativa de riqueza e recursos, de modo a não comprometer o desenvolvimento humano. Esse dilema se intensifica em países onde ainda é urgente atender demandas sociais básicas, como reduzir a pobreza e ampliar a infraestrutura, o que frequentemente entra em contradição com os limites ecológicos. Nesse cenário, é crucial questionar como reconfigurar tais modelos a fim de instaurar o decrescimento. Parte das respostas pode (e deve) emergir das universidades, ao integrar princípios de justiça social e sustentabilidade em suas práticas formativas e institucionais.

Esses estudos revelam que os desafios da implementação do decrescimento em nações em desenvolvimento são multifacetados, influenciados por imperativos econômicos, necessidades de bem-estar social e ideologias arraigadas voltadas para o crescimento. Embora o decrescimento ofereça uma justificativa ecológica convincente, sua aplicação em contextos em desenvolvimento deve navegar cuidadosamente pelas realidades socioeconômicas dessas regiões, com ênfase em garantir que o decrescimento não atrapalhe a redução da pobreza ou exacerbe a desigualdade. Abordagens personalizadas e específicas ao contexto são cruciais para tornar o decrescimento uma solução viável no Sul Global.

3. Metodologia

Esta seção descreve a estrutura metodológica usada para explorar as percepções, o conhecimento e as práticas relacionadas ao

decrescimento dentro de um ambiente universitário. Ela detalha o design da pesquisa, o processo de coleta de dados e as técnicas analíticas empregadas para avaliar as relações entre variáveis demográficas e o engajamento com os princípios do decrescimento. As escolhas metodológicas foram orientadas para garantir um exame completo de como diferentes partes interessadas acadêmicas entendem e implementam práticas relacionadas ao decrescimento, fornecendo insights sobre o papel das universidades na promoção de modelos econômicos sustentáveis.

3.1 Foco do Estudo e Contexto

Este estudo investiga as percepções de decrescimento entre docentes, alunos e recém-formados no campus de Campo Mourão da Unespar como parte de um projeto de pesquisa mais amplo que abrange todos os campus da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). O objetivo é entender como diferentes partes interessadas na academia - docentes, alunos e funcionários - percebem o decrescimento e identificar as práticas cotidianas que se alinham com os princípios do decrescimento.

O estudo se passa no cenário socioeconômico do Brasil, onde o impulso para o crescimento econômico frequentemente entra em conflito com iniciativas de sustentabilidade. Ao focar em um ambiente universitário, a pesquisa explora como os princípios do decrescimento podem ser integrados em ambientes acadêmicos e currículos, contribuindo para o objetivo mais amplo de repensar o próprio paradigma do desenvolvimento e de buscar alternativas pós-desenvolvimentistas orientadas pela justiça socioambiental.



3.2 População e Amostra

A população-alvo deste estudo inclui membros do corpo docente, alunos de graduação, alunos de pós-graduação, recém-formados e funcionários administrativos do campus de Campo Mourão da Unespar. No total, essa população compreendia 143 professores, 1.427 alunos de graduação e 431 recém-formados. A amostra foi composta por 156 respondentes, selecionados por conveniência, a partir de respostas voluntárias a um questionário on-line². Não houve aplicação de fórmula estatística para o cálculo do tamanho amostral, tratando-se, portanto, de uma amostragem não probabilística. Embora a amostra tenha incluído participantes de diferentes segmentos (docentes, discentes, egressos e técnicos administrativos), alguns grupos ficaram sub-representados, em especial técnicos administrativos e alunos de pós-graduação. Por esse motivo, não se pretende que ela represente integralmente toda a população de interesse, mas sim que ofereça um panorama exploratório e indicativo.

3.3 Coleta de Dados

Um questionário online foi usado para coletar dados dos participantes selecionados. O questionário foi elaborado para avaliar três conjuntos de variáveis: Conhecimento dos conceitos de *Degrowth* (uma autoavaliação, bem como uma avaliação indireta baseada em um conjunto de perguntas para avaliar esse conhecimento); Práticas cotidianas (conjunto de perguntas que sinalizavam a adoção - ou não - de práticas diárias alinhadas aos princípios do decrescimento); e Variáveis de controle (informações sobre gênero, idade,

papel acadêmico, área de estudo e nível de educação).

3.4 Variáveis e Modelos Econométricos

Os dados foram analisados usando os dois modelos de regressão abaixo. O primeiro modelo propõe analisar os determinantes do nível individual de conhecimento sobre os conceitos de decrescimento. O segundo buscou identificar a contribuição das variáveis na determinação de práticas cotidianas alinhadas ao decrescimento. A regressão é amplamente recomendada em pesquisas sociais e comportamentais para examinar relações entre variáveis dependentes e independentes, oferecendo robustez metodológica (Hair *et al.*, 2019). Ambos os modelos e o conjunto de variáveis independentes são descritos aqui:

$$\begin{aligned} dg_real.Know_i &= \alpha + \gamma Self_know_dg_i \\ &+ \beta Controls_i + \varepsilon_i \quad \text{Model 1} \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} dg_practices_i &= \alpha + \gamma Self_know_dg_i \\ &+ \lambda dg_Real_i + \beta Controls_i \\ &+ \varepsilon_i \quad \text{Model 2} \end{aligned}$$

Onde:

dg_real.Know: Nível de conhecimento do decrescimento (avaliado)

Self_know_dg: Nível de conhecimento do decrescimento (autoavaliação)

dg_practices: práticas cotidianas alinhadas aos conceitos de *Degrowth*

Controls: controles por gênero, idade, papel acadêmico, área de estudo, nível de educação.

² Disponível mediante solicitação ao autor.



As variáveis centrais apresentam diferentes naturezas estatísticas, assim descritas. *Self_know_dg* representa a autoavaliação de conhecimento sobre decrescimento, (variável ordinal, variando de 0 a 3). *Dg_real.Know* corresponde ao teste objetivo de conhecimento, composto por dez afirmações sobre o conceito de decrescimento, em que cada resposta correta soma 1 ponto (variável quantitativa discreta construída, de 0 a 10). A variável *dg_practices* mensura práticas cotidianas alinhadas ao decrescimento, a partir de oito itens. Cada prática recebeu pontuação 0 (não prática), 0,5 (prática parcial) ou 1 (prática integral), resultando em um escore de 0 a 8 (variável quantitativa discreta construída, de 0 a 8).

Dentre as variáveis de controle, idade (variável contínua) e gênero (*dummy*) autoexplicativas; as demais são variáveis *dummy* assim compostas: papel acadêmico (alunos de graduação, equipe acadêmica, professores e alunos de pós-graduação), área de estudo (engenharia, bacharelados em ciências sociais aplicadas e licenciaturas – cursos de formação docente), nível de educação (graduação, especialização, mestrado, doutorado ou pós-doutorado³). Com exceção da idade, todos os outros controles foram realizados como variáveis *dummy*.

3.5 Análise dos Dados e Limitações do Estudo

Os dados coletados do questionário foram analisados usando métodos estatísticos processados pelo *Stata* versão 17. A análise teve como objetivo identificar correlações entre as variáveis independentes (como conhecimento autoavaliado e objetivo sobre decrescimento, gênero, papel na universidade

e campo de estudo) e a variável dependente (engajamento em práticas cotidianas alinhadas aos princípios do decrescimento).

Na fase de limpeza de dados, as respostas coletadas foram revisadas para garantir consistência e confiabilidade. Entradas redundantes foram identificadas e removidas para evitar distorções nos resultados, e questionários incompletos ou interrompidos (aqueles em que os entrevistados não conseguiram terminar as seções principais) foram sistematicamente excluídos da análise. Como se trata de um estudo exploratório, essa etapa não teve a pretensão de assegurar representatividade da população, mas apenas de reforçar a qualidade dos dados efetivamente considerados. Além disso, discrepâncias nos dados foram abordadas por meio de referências cruzadas com entradas verificadas anteriormente. Esse processo foi essencial para manter a integridade do conjunto de dados, garantindo que apenas respostas completas e coerentes contribuíssem para a análise subsequente.

Após a limpeza dos dados, os modelos foram realizados usando a opção robusta, seguido de um teste *VIF* (teste de multicolinearidade) e teste de Durbin–Watson (indicando ausência de autocorrelação serial relevante). Além disso, foi realizado teste de normalidade (Shapiro–Wilk) para as variáveis contínuas, não tendo sido identificadas violações severas da suposição de normalidade. Este procedimento permitiu refinar os modelos, cortando algumas variáveis autocorrelacionadas, todas elas de controle. Algumas variáveis foram cortadas para evitar uma armadilha de variável fictícia (se incluíssemos todos os níveis de educação, por exemplo, isso resultaria em multicolinearidade perfeita). Para o

³ Embora os estudos de pós-doutorado não sejam graus acadêmicos, eles foram considerados um subconjunto independente, uma vez que são

distinguidos na comunidade acadêmica como se o fossem.



subconjunto de variáveis papel acadêmico, todos os indivíduos com mestrado ou doutorado são professores. Isso cria uma relação perfeita entre esta variável fictícia (professor ou não) e o subconjunto de variáveis nível de educação (mestrado ou doutorado). Essencialmente, a variável docente se torna totalmente previsível a partir do nível de educação, levando à multicolinearidade. Por esse motivo, sua exclusão foi necessária para assegurar a consistência estatística dos modelos. Como ambas as variáveis (docente e nível de educação) captam a mesma informação, manter apenas uma evita redundância, sem comprometer a robustez ou o conteúdo substantivo das análises. Assim, essa variável (docente) também foi omitida.

A dependência do estudo em uma amostra por conveniência limita a generalização das descobertas para toda a população da Unespar. Além disso, o uso de dados autorrelatados pode introduzir a possibilidade de vieses de resposta (particularmente em relação ao conhecimento e engajamento dos entrevistados com práticas de decrescimento), pois os entrevistados podem superestimar ou deturpar seus conhecimentos e práticas relacionadas ao decrescimento. Além disso, como a pesquisa se concentra em um único campus, suas conclusões podem não capturar totalmente a diversidade de perspectivas em diferentes regiões ou instituições.

4. Resultados e Discussão

4.1. Visão Geral da Amostra

Os dados foram coletados de 156 questionários distribuídos no campus de Campo Mourão da Unespar. A amostra incluiu

uma mistura diversificada de respondentes: 38 membros do corpo docente, 102 alunos, 12 recém-formados e 4 funcionários administrativos. Em termos de gênero, os respondentes eram 71 homens e 85 mulheres. A amostra cobriu três campos principais de estudo: 97 respondentes da área de Ciências Sociais Aplicadas (Administração, Ciências Contábeis, Economia), 13 de Ciências da Educação (cursos de formação docente) e 8 de Engenharia. Essa composição diversificada garantiu uma ampla representação de origens acadêmicas e demográficas.

Embora os modelos estimados tenham indicado relações estatisticamente significativas, os valores dos coeficientes de determinação (R^2), que expressam o ajuste dos modelos, foram relativamente baixos, revelando poder explicativo limitado. Assim, as conclusões devem ser interpretadas com cautela, e futuras pesquisas poderão ampliar o conjunto de variáveis independentes ou explorar outros enfoques metodológicos, a fim de aumentar a capacidade explicativa.

4.2. Determinantes do Conhecimento sobre *Degrowth*

A Tabela 1 apresenta os resultados da análise de regressão que visa identificar os determinantes do conhecimento sobre *Degrowth* entre os entrevistados, nos termos do Modelo 1 previamente apresentado. Os resultados revelam diversas relações estatisticamente significativas entre variáveis demográficas, educacionais e autoavaliadas e o nível de conhecimento sobre *Degrowth*, e as variáveis estatisticamente significativas estão em negrito para facilitar a visualização.

Tabela 1. Conhecimento sobre *Degrowth* (avaliado)

Linear regression				Number of obs	=	156
				F(11, 144)	=	9.69
				Prob > F	=	0.0000
				R-squared	=	0.2889
				Root MSE	=	.24688

dg_real.know	Coefficient	std. err.	t	P> t	Robust [95% conf. interval]	

female	.0772029	.0403784	1.91	0.058	-.002608	.1570139
age	.0046098	.0022633	2.04	0.044	.0001362	.0090834
academic staff	.3897648	.118889	3.28	0.001	.1547718	.6247579
engineering	-.0840119	.057458	-1.46	0.146	-.1975819	.0295582
licentiate	-.2186983	.0727178	-3.01	0.003	-.3624305	-.0749661
student	-.0648202	.075959	-0.85	0.395	-.2149589	.0853185
specialization	-.3041672	.1160236	-2.62	0.010	-.5334966	-.0748378
master	-.3326350	.1294498	-2.57	0.011	-.5885022	-.0767678
phd	-.2482277	.1062544	-2.34	0.021	-.4582476	-.0382079
posdoc_phd	-.2006944	.0752028	-2.67	0.008	-.3493383	-.0520505
self-assessed_knowledge	.6713967	.0991862	6.77	0.000	.4753477	.8674458
_cons	.2426926	.0931569	2.61	0.010	.0585609	.4268243

A variável gênero (*female*) exibe uma relação positiva, mas marginalmente significativa, com o conhecimento do decrescimento (coeficiente = 0,0772, $p = 0,058$). Embora não seja fortemente significativo (devido ao seu p -valor), isso sugere que as entrevistadas podem possuir um nível ligeiramente maior de conhecimento sobre o decrescimento em comparação com seus colegas homens. Essa interpretação, contudo, deve ser tomada com cautela, dado o desbalanceamento da amostra (19% mais mulheres). Para mitigar esse efeito, foi utilizado erro-padrão robusto e aplicado o teste de Welch, confirmando a ausência de diferença significativa entre os grupos ($t = 0,26$; $p = 0,79$), reforçando a robustez da interpretação. Ainda que os resultados não tenham evidenciado diferenças estatisticamente robustas, o achado dialoga com estudos prévios que apontam maior preocupação ambiental entre mulheres, sugerindo que essa tendência também pode estar presente no contexto analisado.

Em relação à idade (*age*), a análise revela uma associação positiva e significativa (coeficiente = 0,0046, $p = 0,044$). Isso indica que os participantes mais velhos tendem a ter níveis mais altos de conhecimento avaliado sobre decrescimento, potencialmente devido à exposição prolongada a discussões sobre sustentabilidade ou maior experiência de vida com questões ambientais. Considerando que a amostra abrange idades entre 17 e 65 anos (com média de 30,9 anos e desvio padrão de 12,7 anos), essa relação pode refletir, em parte, a maior presença de indivíduos mais experientes, incluindo professores, no grupo etário mais elevado. A significância dessa variável sugere que a idade desempenha um papel relevante na formação da compreensão dos indivíduos sobre modelos econômicos alternativos, como o decrescimento.

Os resultados da regressão indicam uma relação positiva significativa entre a variável papel acadêmico para agentes universitários (*academic staff*) e o conhecimento avaliado sobre decrescimento (coeficiente = 0,3897, $p = 0,001$). Os agentes universitários da equipe da universidade exibem níveis substancialmente mais altos de conhecimento sobre decrescimento em comparação a estudantes e docentes. Isso pode ser atribuído ao seu envolvimento mais profundo em atividades institucionais relacionadas à sustentabilidade, o que pode aumentar sua familiaridade



com os conceitos de decrescimento. Por outro lado, não foi possível afirmar as descobertas sobre os estudantes, devido à sua falta de significância (veja seu p-valor); talvez aqueles em estágios iniciais de suas carreiras acadêmicas possam ter menos exposição às ideias de decrescimento.

Em relação à área de conhecimento e/ou atuação (*field of study*), indivíduos ligados à engenharia (*engineering*) mostram uma relação não significativa com o conhecimento do decrescimento (coeficiente = -0,0840, $p = 0,146$); a evidência não é forte o suficiente para tirar conclusões definitivas. No entanto, a associação negativa significativa observada para indivíduos em programas de formação docente (coeficiente = -0,2187, $p = 0,003$) indica que indivíduos nesses campos podem ser menos propensos a se envolver com material relacionado ao decrescimento. Isso pode refletir a ênfase na formação de professores em estruturas pedagógicas convencionais, que podem não integrar conceitos de modelos econômicos alternativos, como o decrescimento.

Na análise do nível de educação (*education level*), respondentes com qualificações acadêmicas mais altas (especialização, mestrado e doutorado) exibem associações negativas significativas com o conhecimento do decrescimento. Os coeficientes negativos para especialização (-0,3042, $p = 0,010$), mestrado (-0,3326, $p = 0,011$) e doutorado (-0,2482, $p = 0,021$) sugerem que indivíduos com diplomas avançados têm menos probabilidade de possuir conhecimento substancial sobre decrescimento em comparação com aqueles com apenas educação de graduação. Embora o resultado pareça contraintuitivo, pode estar relacionado ao processo de especialização que acompanha trajetórias acadêmicas avançadas, nas quais a ênfase em campos de conhecimento específicos tende a reduzir a exposição a debates interdisciplinares mais amplos, como o decrescimento. Estudos anteriores já identificaram que maior conhecimento formal ou técnico não necessariamente se traduz em maior engajamento com perspectivas de sustentabilidade amplas ou alternativas (Kollmuss & Agyeman, 2002; Heeren *et al.*, 2016). Além disso, a própria noção de *Degrowth* pode gerar resistências, mesmo em contextos de alta qualificação acadêmica, devido às tensões conceituais que evoca (Drews & Antal, 2016; Büchs & Koch, 2019).

Finalmente, a variável conhecimento autoavaliado de decrescimento (*self-assessed knowledge*) exibe a relação positiva mais forte e significativa com o conhecimento real de decrescimento (coeficiente = 0,6714, $p < 0,001$). Essa descoberta destaca que indivíduos que se classificam como tendo um alto nível de compreensão de decrescimento provavelmente demonstrarão desempenho superior em avaliações objetivas do conhecimento de decrescimento. Isso reforça o papel da autopercepção em influenciar a compreensão de conceitos ambientais e econômicos complexos.

4.3. Determinantes de Práticas Cotidianas de *Degrowth*

Os resultados apresentados na Tabela 2 examinam os fatores que influenciam as práticas cotidianas alinhadas aos conceitos de decrescimento. A análise de regressão mostra que diversas variáveis não apresentam relações estatisticamente significativas com as práticas alinhadas ao decrescimento, indicando que o modelo não fornece evidências suficientes para concluir seus efeitos individuais.

Tabela 2. Práticas Cotidianas Alinhadas com *Degrowth*

Linear regression					Number of obs	=	156
					F(11, 144)	=	2.01
					Prob > F	=	0.0315
					R-squared	=	0.1228
					Root MSE	=	.20681

						Robust	
dg_practices	Coefficient	std. err.	t	P> t	[95% conf. interval]		

female	.0586675	.0360288	1.63	0.106	-.0125461	.1298811	
age	.0015221	.0019704	0.77	0.441	-.0023726	.0054168	
academic staff	.1053799	.1220614	0.86	0.389	-.1358837	.3466435	
engeeneering	.0146061	.063992	0.23	0.820	-.1118788	.141091	
licentiate	.1063211	.0674083	1.58	0.117	-.0269165	.2395586	
specialization	-.2998157	.1277734	-2.35	0.020	-.5523695	-.0472619	
master	-.2446262	.0905159	-2.70	0.008	-.4235378	-.0657147	
phd	-.1706632	.0866502	-1.97	0.051	-.3419339	.0006075	
self-assessed_knowledge	-.0105747	.1156544	-0.09	0.927	-.2391742	.2180249	
dg_real_cl	.0780483	.07413	1.05	0.294	-.0684751	.2245718	
_cons	.5387225	.0829562	6.49	0.000	.3747533	.7026917	

O conhecimento autoavaliado do decrescimento (*Self-assessed knowledge*), que hipoteticamente influenciaria práticas sustentáveis, não mostrou uma relação estatisticamente significativa com comportamentos alinhados ao decrescimento (coeficiente = -0,0106, $p = 0,927$). Dado esse alto p -valor, não se pode tirar conclusões afirmativas sobre o papel do conhecimento autoavaliado na formação de práticas de decrescimento com base nesse modelo. Esse resultado sugere que os dados não dão suporte a uma ligação direta entre o conhecimento percebido dos indivíduos sobre o decrescimento e suas ações diárias nesse contexto.

Da mesma forma, a análise não mostra nenhuma relação estatisticamente significativa entre gênero (*female*) e práticas alinhadas ao decrescimento (coeficiente = 0,0587, $p = 0,106$), o campo de estudo para engenharia (*engineering*, coeficiente = 0,0146, $p = 0,820$) ou programas de formação de professores (*licentiate*, coeficiente = 0,1063, $p = 0,117$). Os altos valores de p associados a essas variáveis indicam que os dados não permitem nenhuma inferência clara

sobre seus efeitos potenciais em comportamentos sustentáveis.

No entanto, o nível de educação mostra uma relação negativa significativa com práticas alinhadas ao decrescimento. Os entrevistados com especialização (coeficiente = -0,2998, $p = 0,020$), mestrado (coeficiente = -0,2446, $p = 0,008$) e doutorado (coeficiente = -0,1707, $p = 0,051$) são menos propensos a se envolver em práticas alinhadas ao decrescimento em comparação com aqueles com níveis mais baixos de educação. Essa descoberta reflete os resultados da análise de conhecimento do decrescimento e sugere que indivíduos com qualificações educacionais mais altas podem se concentrar mais em campos acadêmicos ou profissionais especializados, potencialmente limitando seu envolvimento com conceitos interdisciplinares como o decrescimento.

A variável que representa o papel acadêmico, incluindo a equipe da universidade (*academic staff*), também não mostrou uma relação estatisticamente significativa com práticas alinhadas ao decrescimento (coeficiente = 0,1054, $p = 0,389$). Isso sugere que, apesar do maior conhecimento do decrescimento



observado entre os membros da equipe no modelo de conhecimento, essa conscientização não se traduz necessariamente em maior engajamento com as práticas do decrescimento na vida cotidiana.

Concluindo, enquanto certas variáveis demográficas e educacionais, como nível educacional, mostram associações significativas com práticas de *Degrowth*, a maioria das variáveis do Modelo 2 não oferece evidências suficientes para conclusões claras. Importa salientar que esse modelo se baseia em amostra de conveniência ($n=156$) e explica apenas uma fração pequena da variação das práticas ($R^2 = 0,123$); além disso, a composição da amostra e decisões de processamento – exclusão de casos incompletos e uso de variáveis indicadoras/*dummies* com erros-padrão robustos – podem ampliar a incerteza das estimativas. Assim, os coeficientes devem ser lidos como evidências exploratórias, sem pretensão de representatividade ou generalização. Estudos futuros, preferencialmente com amostras probabilísticas e medidas mais precisas, são necessários para elucidar os determinantes das práticas de *Degrowth* na vida cotidiana.

5. Conclusão

Este estudo descritivo investigou percepções, conhecimentos e práticas relacionadas ao *Degrowth* em uma universidade pública brasileira. Os resultados indicam heterogeneidade entre grupos e baixa clareza conceitual em parte da amostra, com variações por área de formação. Também se confirmou uma lacuna entre conhecimento e prática, sugerindo que barreiras psicológicas, sociais e institucionais dificultam a tradução da conscientização em ação cotidiana. Dada a amostra por conveniência e o baixo poder

explicativo do modelo de práticas, as evidências devem ser lidas como exploratórias.

Cabe às universidades ocuparem o espaço privilegiado de debate crítico entre crescimento e *Degrowth*, oferecendo formação que permita a cada estudante discernir, avaliar e aplicar esses conceitos. Para isso, recomenda-se integrar o *Degrowth* nos currículos de forma interdisciplinar e promover experiências de aprendizagem prática – projetos de extensão, engajamento comunitário e atividades de “mão na massa” – capazes de encurtar a distância entre saber e fazer.

Ao mesmo tempo, a aplicação do *Degrowth* enfrenta desafios específicos em países em desenvolvimento, onde persistem demandas urgentes por saúde, educação, moradia e infraestrutura. Nesses contextos, a agenda universitária deve articular limites ecológicos e justiça social, explorando trajetórias viáveis que conciliem redução da pobreza com sustentabilidade.

Além disso, reconhece-se que, com base nas informações obtidas, poderiam ser exploradas metodologias alternativas – como testes não paramétricos para examinar associações sem pressupor distribuições específicas, ou ainda modelos de regressão logística a partir da definição de variáveis dependentes qualitativas relacionadas à adoção ou não de práticas. Embora ultrapassem os objetivos do presente estudo, tais abordagens ampliam o leque de possibilidades relevantes para investigações futuras interessadas em aprofundar a relação entre conhecimento e práticas de decrescimento.

Pesquisas futuras, idealmente multicampi e, quando possível, com amostras probabilísticas e acompanhamento longitudinal, podem avaliar intervenções curriculares e condições institucionais que



favoreçam a adoção de práticas alinhadas ao *Degrowth* e refinar a compreensão sobre seus determinantes em ambientes acadêmicos.

Referências

- Acosta, A. (2016). O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Autonomia Literária
- Bannò, M., Filippi, E., & Trento, S. (2023). Women in top echelon positions and their effects on sustainability: A review, synthesis, and future research agenda. *Journal of Management and Governance*, 27(1), 181-251. <https://doi.org/10.1007/s10997-021-09604-7>
- Blauwhof, F. B. (2012). Overcoming accumulation: Is a capitalist steady-state economy possible? *Ecological Economics*, 84, 254-261. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2012.03.012>
- Brem, A., & Puente-Díaz, R. (2020). Are you acting sustainably in your daily practice? Introduction of the Four-S model of sustainability. *Journal of Cleaner Production*, 267, 122074. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.122074>
- Büchs, M., & Koch, M. (2019). Challenges for the *Degrowth* transition: The debate about wellbeing. *Futures*, 105, 155-165. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2018.09.002>
- Bush, S. S., & Clayton, A. (2023). Facing change: Gender and climate change attitudes worldwide. *American Political Science Review*, 117(2), 591-608. <https://doi.org/10.1017/S0003055422000752>
- D'Alisa, G.; Demaria, F.; Kallis, G. (eds.). (2014). *Degrowth: A Vocabulary for a New Era*. London: Routledge.
- D'Alisa, G., & Kallis, G. (2020). *Degrowth* and the state. *Ecological Economics*, 169, 106486. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2019.106486>
- Degrowth.info*. (2023). History of *Degrowth*. Disponível em <https://Degrowth.info/about/history-of-Degrowth>
- Drews, S., & Antal, M. (2016). *Degrowth*: A “missile word” that backfires? *Ecological Economics*, 126, 182-187. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2016.04.001>
- Eliasson, A. (2021). *Degrowth* in theory and practice. Mittuniversitetet.
- Georgescu-Roegen, N. (1971). The entropy law and the economic process. Cambridge, MA: Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674281653.fm>
- Gorz, A. (1972). *Ecologie et politique*. Paris: Éditions du Seuil.
- Gudynas, E. (2011). Buen Vivir: Today's tomorrow. *Development*, 54(4), 441-447. <https://doi.org/10.1057/dev.2011.86>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2019). *Multivariate data analysis* (8th ed.). Cengage Learning.
- Heeren, A. J., Singh, A. S., Zwickle, A., Koontz, T. M., Slagle, K. M., & McCreery, A. C. (2016). Is sustainability knowledge half the battle? An examination of sustainability knowledge, attitudes, norms, and efficacy to understand sustainable behaviours. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 17(5), 613-632. <https://doi.org/10.1108/IJSHE-02-2015-0014>



Hickel, J. (2020). *Less is More: How Degrowth Will Save the World*. William Heinemann.

Jackson, T. (2009). *Prosperity without growth: Economics for a finite planet*. Routledge.

Jacobsen, S. S., Korsgaard, S., & Günzel-Jensen, F. (2020). Towards a typology of sustainability practices: A study of the potentials and challenges of sustainable practices at the firm level. *Sustainability*, 12(12), 5166. <https://doi.org/10.3390/su12125166>

Kallis, G. (2018). *Degrowth* (Vol. 7). Newcastle upon Tyne: Agenda publishing.

Kallis, G., Paulson, S., D'Alisa, G., & Demaria, F. (2020). *The case for Degrowth*. John Wiley & Sons.

Otero, I., Rigal, S., Pereira, L., Kim, H., Gamboa, G., Tello, E., & Grêt-Regamey, A. (2024). *Degrowth* scenarios for biodiversity: Key methodological steps and a call for collaboration. *Sustainability Science*. <https://doi.org/10.1007/s11625-024-01483-9>

Koch, M. (2020). Structure, action and change: A Bourdieusian perspective on the preconditions for a *Degrowth* transition. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, 16(1), 4-14. <https://doi.org/10.1080/15487733.2020.1754693>

Kollmuss, A., & Agyeman, J. (2002). Mind the gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? *Environmental Education Research*, 8(3), 239-260. <https://doi.org/10.1080/13504620220145401>

Latouche, S. (2009). *Farewell to Growth*. Polity Press.

Martinez, V., & Pessoa, L. (2023). Macroeconomic *Degrowth* policies in peripheral countries: Conditions, possibilities, and limitations. *Boletim Finde*, 4(3), 69-84.

Meadows, D. H., Meadows, D. L., Randers, J., & Behrens, W. W. (1972). *The limits to growth*:

A report for the Club of Rome's project on the predicament of mankind. New York: Universe Books

Parrique, T. (2019). *The political economy of Degrowth* (Doctoral dissertation, Economics and Finance. Université Clermont Auvergne [2017-2020]).

Parrique, T. (2022). *Ralentir ou Périr: L'Economie de la décroissance*. Seuil.

Renkert, S. R. (2020). Community-owned tourism and *Degrowth*: a case study in the Kichwa Añangu community. In *Tourism and Degrowth* (pp. 149-164). Routledge.

Roca, J. (2007). La crítica al crecimiento económico desde la economía ecológica y las propuestas de decrecimiento. *Ecología Política* 33, 13-17.

Rocha, R. S. S. (2022). *Degrowth* in practice: Developing an ecological habitus within Permaculture Entrepreneurship. *Sustainability*, 14(14), 8938. <https://doi.org/10.3390/su14148938>.

Rosen, M. A. (2020). Sustainability: Concepts, definitions, and applications. In A. Alvarez-Risco, M. A. Rosen, S. Del-Aguila-Arcentales, & D. Marinova (Eds.), *Sustainability, Wellbeing and the Posthuman Turn* (pp. 45-65). Springer Nature Switzerland AG. https://doi.org/10.1007/978-3-030-45533-0_2

Ruiz-Alejos, C., & Prats, V. (2022). In quest of implementing *Degrowth* in local urban planning policies. *Local Environment*, 27(4), 423-439. <https://doi.org/10.1080/13549839.2021.1983789>

Sekulova, F., Anguelovski, I., & Argüelles, L. (2023). Redefining success in organizing towards *Degrowth*. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 48, 100764. <https://doi.org/10.1016/j.eist.2023.100764>

Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2008). *Nudge: Improving decisions about health, wealth, and happiness*. Yale University Press.



Vasconcellos, I. M., Paes, T. A. G., & Rangel, F. C. (2024). Economic *Degrowth* as a solution to environmental conflicts? *Revista de Gestão e Secretariado*, 15(2), e3487. <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i2.3487>

Victor, P. A. (2012). Growth, *Degrowth*, and climate change: A scenario analysis. *Ecological Economics*, 84, 206-212. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2011.04.013>

Vieira J., Castro S.L., Souza A.S. (2023) Psychological barriers moderate the attitude-behavior gap for climate change. *PLoS ONE*, 18(7): e0287404. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0287404>.